



"O ROUXINOL MINEIRO"¹

Em janeiro de 1900 Antônio Sales adoece no Rio de Janeiro de febre paratífica e vai convalescer na Fazenda Bom Jesus.² Toma o trem e salta na estação de Barão de Cotegipe, um pequeno arraial, quatro estações antes da de Juiz de Fora. Apenas duas casas de moradia, um armazém ou bazar de roça e alguns sítios. Descansa um pouco nesse bazar, preparando-se para enfrentar a distância de uma légua, a cavalo, até a referida Fazenda, ocasião em que dele se aproxima um rapaz, de seus vinte e oito anos de idade, caixeiro de escrita desse bazar, muito interessado em poesia, com coisas publicadas nos jornais de Juiz de Fora e dizendo conhecer de Antônio Sales seus versos.

Quando o convalescente chega à Fazenda e, impressionado, relata o sucedido, o Major Joaquim Nogueira Jaguaribe confirma o talento do rapaz que, já em Carangola, empregado em uma padaria, andava de namoro com as Musas e mostra-lhe uma carta, em versos, desse mesmo empregado a ele dirigida.

Alguns dias depois Antônio Sales recebe a visita do caixeiro Belmiro que lhe leva um caderno de versos. E uma semana mais tarde, reunidos num almoço em Cotegipe, o filho de Vargem Grande ouve os conselhos e as palavras encorajadoras do nosso poeta.

Restabelecida a saúde e antes de retornar à Metrópole, Antônio Sales chega a Juiz de Fora no dia 10 de março e aí passa três dias durante os quais conhece pessoalmente os literatos Correia de Azevedo, Augusto Franco, Heitor Guimarães, Oscar da Gama, Lindolfo Gomes, J. Paixão, Estêvão de Oliveira e José Rangel.³ Aproveita a oportunidade e estrondeja as qualidades de Belmiro Braga com um longo artigo publicado na imprensa local fato assim lembrado: "*Zabumbei o mérito de Belmiro Braga perante a roda de jornalistas e literatos mineiros, que me haviam acolhido com muita distinção e carinho*". Daquele momento em diante novas perspectivas se abrem para o modesto vendeiro; recebe abraços e cartas de amigos e até mesmo o oferecimento da Editora Figueirinha, de Portugal, interessada no editar sua obra poética, o que efetivamente se dá em 1902 com o lançamento de seu livro de estréia, em versos, Montezinas, título sugerido por seu padrinho literário Antônio Sales.

A presença do poeta cearense agita a pequena cidade mineira. Belmiro o recebe com o poema Canção. Zut, pseudônimo do poeta e médico Correia de Azevedo o homenageia com o soneto Na Berlinda. Lopes Neves, o Lops, em O Farol, com o soneto De Lira em Punho e com esta sextilha:

*"Musa, tu, que pouco vales,
que me inspiras tão maus versos,
ao menos hoje – sê forte.
E abraces ao Antônio Sales,
autor dos Versos Diversos,
autor de Trovas do Norte".*

Albino Esteves pede a Antônio Sales um trabalho para o seu álbum, acompanhado de cartão e envelope. Enfermo, o nosso poeta aproveita o próprio envelope e se desculpa assim:

*"Eu vim a Juiz de Fora,
mas para o mal que concentro,
talvez me servisse agora
melhor. . . um juiz de dentro".*

Antônio Sales é novamente atacado, desta vez por Lindolfo Gomes que em vinte e cinco quadras saúda a sua chegada e cobra-lhe alguns versos:

*"A minha musa enfeitada,
por vires, Antônio Sales,
aos nossos montes e vales,
vem festejar-te a chegada.*

*E a natureza entusiasta,
abrindo o seio em delícias,
engordando o burocrata,
faz ao poeta carícias.*

*.
Bendito este mês de Março!
Se tudo põe-se a sorrir,
é que, se olhares esgarço,
vejo-te aqui a fulgir.*

*Se vens passear cá em cima,
deixando as Musas caladas,
hás de pagar-nos o clima
com belas notas. . . rimadas".*

Retornando ao Rio Antônio Sales escreve sobre a roda intelectual da Manchester Mineira e ao se referir, com entusiasmo, a Belmiro Braga, batiza-o de João de Deus Mineiro: *"Tomei gosto pela coisa, comenta o Rouxinol Mineiro, e quem não me conhece de perto, chama-me de João de Deus, de Campoamor e de Musset, e eu não sei se Antônio Sales, assistindo a todo esse descalabro de apelidos tão mal empregados, deve ou não limpar a mão à parede pela descoberta"*.

Tal revelação é a consagração imediata do poeta mineiro. E daí por diante passam ambos a se corresponderem durante trinta e sete longos anos.

O Trovador de Vargem Grande foi tudo na vida: caixeiro de venda, negociante, tabelião, guarda-livros, vereador, agente de companhias de seguros, juiz de paz, inspetor de ensino, prosador, poeta, jornalista, autor teatral, humorista — *"Belmiro, confessava Antônio Sales, possuía um vasto cabedal não só de anedotas propriamente, mas também de historietas cômicas, muitas das quais de origem mineira"* — conferencista e, acima de tudo, uma alma generosa, um ser moral superior.

O falecimento de Belmiro a 31 de março de 1937⁴ deixou no nosso poeta um imenso vazio e seu artigo publicado em O Povo de 15 de abril atestava a profunda admiração e respeito que sempre existiram entre os dois amigos, ou melhor, entre os dois irmãos pelo espírito e pelo coração: *"Intelectualmente era um espírito delicado, original, flexível, penetrante, capaz de todas as doçuras do lirismo passional e de todas as finuras e malícias do humorismo. Ele versejava com uma facilidade, com uma espontaneidade que nunca vi em poeta algum. Às vezes era positivamente repentista"*.

Poetas inspirados, trocaram cartas ou bilhetes como estes:

*"Mandam-me os fados tiranos
que, para o bem dos meus males,
contra os retratos proteste,
pois depois de cinquenta anos
não encontro, Antônio Sales,
um fotógrafo que preste"*.

Recordemos agora quatro sonetos que traduzem bem a dimensão da força poética desses dois amigos, um verdadeiro duelo de correspondências. Certa vez Antônio Sales foi visitar o Belmiro e no dia de sua chegada, mal punha o pé na plataforma da estação, recebia de um garoto um jornal da terra com este soneto Do Varandim:

*"Ordem do dia-pipilai, senhores
canários, sabiás e gaturamos,
dos vossos varandins de curvos ramos
e enfestoados de perfúmeas flores."*

*Um exímio cantor entre os cantores,
um ilustre colega, que adoramos,
está na terra. Passarinhos, vamos
levar-lhe os nossos cânticos melhores.*

*Bem-vindo seja o sabiá do Norte
— valente prosador, poeta forte —
aos nossos verdes, campesinos vales!*

*Que a natureza toda se desate
em festivas canções, saudando o vate
e nosso grande amigo — Antônio Sales!"*

*A resposta não se fez esperar. Belmiro atacara o ponto fraco ou forte do
amigo: os Passarinhos. E daí o O Sufrágio das Aves:*

*"Belmiro, deixa em paz os passarinhos!
Não penses que, atendendo ao teu chamado,
eles se afastam dos seus brancos ninhos
para saudar um vate aposentado.*

*Eu me contento com os gentis carinhos
da tua Musa-pássaro encantado,
que vive a palpitar entre os arminhos
de um coração de amor sempre exaltado.*

*Em tua lira de ouro se resume
das aves todas o gentil cardume,
seus doces cantos o teu canto encerra.*

*Se votassem as aves, certamente
tu serias eleito presidente
dos trovadores da mineira terra".*

*De outra feita, Antônio Sales assim reclamava a falta de notícias do
poeta mineiro:*

*"Belmiro, há quanto tempo não me escreves!
Passa um buque e outro buque vem à liça
e não paga as respostas que me debes
a tua pena trêfega e remissa.*

*Justo é que em boas diversões te enleves;
porém, homem de Deus, tua preguiça
nem te deixa fazer as cartas breves
que fazes como quem assa lingüiça.*

*Recebo, é certo, válidos pacotes
de jornais que, vendidos como entulhos,
produziriam níqueis aos magotes.*

*Deles já tenho três cadeiras fartas!
Mas eu daria esse montão de embrulhos
pela menor das tuas curtas cartas!"*

O poeta de Redondilhas respondia com esta outra obra-prima de lirismo e bom humor:

*"Antônio Sales, todo dia faço
tenção de te escrever, e vai-se o dia. . .
E novas cartas vêm juntar-se ao maço
das que me manda a tua fidalguia.*

*A não ser na Cruzeiro, companhia
a que dou todo o esforço do meu braço,
à noite nunca escrevo — a noite é fria. . .
nem nunca de manhã. . . porque há mormaço.*

*De carta respondida ou conta paga
se nem chego a guardar lembrança vaga,
nunca das outras, Sales, me esqueci.*

*Assim, pois, às respostas sendo avesso,
eu, não te respondendo, não te esqueço
— deixa que eu viva a me lembrar de ti. . ."*

Belmiro Braga nunca pôde realizar um de seus maiores desejos: conhecer a terra cearense. Mas a distância física entre ambos eles a amenizavam e a encurtavam com a troca permanente de cartas e bilhetes que mereciam um dia fossem divulgadas pois nelas estão engastadas verdadeiras jóias poéticas inéditas.

Profundamente abalado, tanto que só escreveu uma crônica sobre o trovador mineiro quinze dias depois de seu desenlace, desta maneira o nosso Antônio Sales se despedia do amigo, na linguagem universal dos poetas:

*"Ó fiel companheiro
desta terrena lida!
Tu que foste o primeiro
a te partir para essa terra ignota
donde não volta alguém; se porventura
podes ouvir a minha voz remota,*

*dela ouvirás a confissão ardente
de que tua memória estremecida
e sagrada perdura
na alma do amigo, que inda vai gemendo,
trilhando a estrada aspérrima da vida!"*

NÓTULAS

- 1 Antonomásia criada pelo Coronel Médico Dr. Cerqueira Alves, do Exército, e aproveitada quando do lançamento de seu livro, em 1932, um perfil biográfico de Belmiro Braga.
- 2 Na Fazenda Bom Jesus Antônio Sales escreveu, em 1900:
 - a) 10 de fevereiro — Carta a Augusto Franco;
 - b) 11 de fevereiro — Carta-Prefácio ao autor de Foro Íntimo;
 - c) 16 de fevereiro — Carta-Aberta a Augusto Franco pelo aparecimento de Ensaios Literários;
 - d) 21 de fevereiro — Os Canários, soneto dedicado a Augusto Franco. Obra Poética, página 207;
 - e) 23 de fevereiro — O Riacho, soneto dedicado a Belmiro Braga. Obra Poética, página 207;
 - f) 25 de fevereiro — O Sapo, soneto dedicado a Joaquim Nogueira Jaguaribe. Obra Poética, página 206;
A Bruma, soneto dedicado a Correia de Azevedo. Obra Poética, página 210;
 - g) 1.º de março — Manhã de Sol, poema dedicado a Mlle Diva Jaguaribe. Obra Poética, página 208.
- 3 Jornalista. Professor da Escola Normal. Farmacêutico. Orador. Colaborador do Jornal do Comércio, de Juiz de Fora. Autor de Alvissaras (1900) fantasias, crônicas e contos. Joran o seu pseudônimo.
- 4 No primeiro aniversário de falecimento de Belmiro Braga Antônio Sales recordava o velho companheiro em cinco quintilhas e que assim terminavam:

“O coração do velho companheiro
que mereceu os teus afetos leais,
bem sabe que por esse mundo inteiro
outro mais nobre, puro e verdadeiro
que o teu — não pulsa nem pulsou jamais”.